

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898

Director e proprietario

Anselmo de Sousa

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 25 de novembro de 1899

Secretario da redacção

Carlos Callixto

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia—Rua de S. Paulo 216

Sexta-feira 15 de novembro de 1901

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 6 mezes	600 réis
Provincias, 6 mezes	680 »
Numero avulso	60 »

TIRO

O Tiro Nacional

Não tem ainda a consagração do tempo, porque é de hontem, mas soube já conquistar o apoio e merecer o applauso de todos os que presam e amam o bom nome portuguez, essa bella instituição a que se chama o *Tiro nacional*.

Não está longe ainda o momento em que, meia duzia de entusiastas, conscios do seu dever civico e animados pela convicção de que iam prestar um serviço relevante a esta boa terra portugueza, tão pequena pela extensão territorial, mas tão grande pela tradição gloriosa dos heroicos feitos que passaram, metteram hombros á empreza e, atravez de difficuldades, de reluctancias e de más vontades, conseguiram a frequência das carreiras de tiro que o governo havia aberto já ao elemento civil, e que o regulamento de 18 d'agosto de 1893, firmado pelo sr. conselheiro Pimentel Pinto e, devido á sua iniciativa, tornara pratica. Desde esse momento o accesso ás carreiras, permittiu a todos o exercicio de tiro com a arma de guerra, uma das forças mais poderosas, um dos elementos mais vigorosos da defeza e sustentação da nossa autonomia, quando saiba aproveitar-se.

Fundaram-se então os grupos e as sociedades de tiro, realisaram-se os primeiros concursos e, sob o brilhante exemplo e sincera protecção de El-Rei, começaram a distinguir-se os mais assíduos e os mais dextros. Para que o tiro civil se desenvolvesse faltava, porém, que a propaganda, mostrando as suas vantagens e efficacia, chegasse a toda a parte e coube esse papel brilhante á *União dos Atiradores Civis* que, n'um esforço de todos os dias, com actividade inexcedivel e dedicação a toda a prova, tem conseguido a organização de muitas filiaes, a generalisação da sua patriotica iniciativa a todos os centros de actividade, sabido dar ás escolas e estabelecimentos de instrucção, como era de ha muito a sua aspiração, os meios de frequentarem as carreiras de tiro, o que, a pouco e pouco, vae inoculando nas gerações novas o germen que mais tarde ha de transformar o cidadão inutil n'um soldado exercitado e forte, capaz de defender com vigor e tenacidade a integridade nacional.

Mas, todos estes esforços, todas estas boas vontades, todas estas dedicações nada conseguiriam, certamente, se os governos não se houvessem compenetrado de quanto tinham de bom e aproveitavel, se não tivessem decidida, clara e francamente concedido o seu auxilio, facilitando o seu desenvolvimento. E de todos os titulares da pasta da guerra, no primeiro lugar, em maior evidencia, em mais accentuada e proeminente posição devemos collocar o

actual ministro da guerra, sr. conselheiro Pimentel Finto que tendo seguido e guiado os primeiros passos das nascentes sociedades de tiro, acaba, com a nova lei de recrutamento, de conceder aos atiradores de 1.ª classe, a excepcional vantagem de lhes reduzir a cem dias o tempo de serviço effectivo, permittindo-lhes a passagem á 2.ª reserva, como premio da sua comprovada aptidão no tiro de guerra.

O tiro civil, o tiro nacional, é hoje portanto uma instituição consagrada; resta a todos os que são verdadeiros portuguezes, prestar-lhe auxilio, facilitar-lhe o desenvolvimento. Teremos assim, bem merecido da patria.

PALERMO DE FARIA.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Parte official

Commissão executiva

ACTA N.º 69

Sessão em 31 de outubro de 1901

A's 9 horas da noite na redacção d'*O Tiro Civil*, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Vieira da Silva Junior, Correia Pinheiro, Pedro José Ferreira e o secretario abaixo assignado, foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão. Foi lida communicação do ministerio da guerra, mandando executar o programma da epocha.

Tomaram se as seguintes resoluções: Abrir os trabalhos da epocha, no dia 3 de novembro.

Readmittir como socio ordinario o sr. José Eduardo Sobral Fernandes.

Lançar em acta um voto de louvor e reconhecimento ao sr. conselheiro Pimentel Pinto, ministro da guerra, pelas vantagens que na nova lei do recrutamento, confere aos Atiradores Civis.

Propôr ao conselho gerente, a nomeação de socios honorarios dos directores das carreiras de tiro de Espinho e Chaves.

Não havendo mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 horas da noite.

O SECRETARIO

Eduardo de Noronha

Commissão executiva

ACTA N.º 70

Sessão em 6 de novembro de 1901

A's 9 horas da noite na redacção d'*O Tiro Civil*, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Vieira da Silva Junior, Correia Pinheiro, Pedro José Ferreira e o secretario abaixo assignado foi aberta a sessão pelo sr. presidente.

Foi lido o expediente.

Foram approvados socios os srs. Antonio Posante, Carlos de Sá Pereira, Seraphim Alves da Silva e Augusto Eugenio Rodrigues, que tomaram respectivamente os n.ºs 309 a 312.

Resolveu-se sollicitar do ministerio da guerra a abertura permanente da carreira de tiro do Porto, a pedido da 6.ª filial e recomendar a todas as filiaes que, com muita sollicitude, promovam a mais activa propaganda e divulgação da nova lei de recrutamento e suas vantagens, tanto pela imprensa local como pelos parochos, etc.

Não havendo mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 1/2 horas da noite.

O SECRETARIO

Eduardo de Noronha



Direcção do «Real Club Velocipedista de Portugal»

DIVERSAS

A Associação dos Atiradores Civis de Loanda, 7.^a filial da União em a sua sessão de 20 de julho ultimo elegeu seus socios honorarios os srs. dr. Antonio Manuel da Cunha Bellem, presidente da União, Anselmo de Sousa, presidente da commissão executiva, Eduardo de Noronha, primeiro secretario e J. Fraga Pery de Linde segundo secretario.

Os officios que faziam estas communicações são extremamente honrosos para os agraciados e da maxima delicadeza.

Em nome de todos agradecemos e em especial do director d'esta revista.

Reassumiu o seu lugar de director da carreira de tiro da guarnição de Lisboa em Pedrouços o sr. capitão Alberto José Vergueiro.

Um pedido da 6.^a filial da União, a commissão executiva d'esta, officiou ao ministerio da guerra pedindo para que a carreira de tiro de Esmoriz, Porto, funcione todo o anno como o preceitua o regulamento de 18 de agosto de 1893.

A commissão executiva da União vae estabelecer tres escolas de theoria de tiro e manejo d'armas, uma no Real Gymnasio Club Portuguez, outra na Escola Industrial Marquez de Pombal e outra no Atheneu Commercial de Lisboa.

Ademora na abertura d'estas classes tem sido pelas difficuldades levantadas por um decreto publicado ha 3 ou 4 annos sobre armas de guerra; logo, porém, que se obtinham tres espingardas e tres carabinas pedidas ao ministerio da guerra, começará essa instrução.

A matricula de alumnos para a instrução de tiro tem este anno attingido proporções além de todas as expectativas.

O praso para a matricula finda hoje. Os trabalhos da União na carreira de tiro, com os socios, começaram no dia 3 do corrente mez.

No ultimo domingo organisou-se uma poule na carreira de tiro em Pedrouços entre nove socios da União. O alvo, muito difficil, era o de figura deitada a 200^m, em 10 tiros.

Venceu o sr. João de Moraes Carvela que empregou seguidamente as 8 primeiras balas! perdendo só as duas ultimas. Os srs. Augusto Ferreira Pinto Basto e João José Callais Grillo empregaram, cada um, 7 balas.

Excelentes atiradores.

ARTES & LETRAS

HISTORIA

O EXERCITO E A PATRIA

XIX

Antão Vasques

Quando o grande condestavel Nun'Alvares Pereira ganhou a gloriosa batalha de Valverde, um dos seus mais valentes cavalleiros, Antão Vasques, estando em Lisboa ao tempo que o condestavel reunira em Extremoz a sua hoste, chegara tarde á chamada e lamentava se de não poder tomar parte em tão bella empreza.

Não lhe soffrendo porem o animo ficar inactivo, quando por toda a fronteira ardia a guerra, passou a Evora e lançou pregão para se lhe juntar quem quizesse entrar em Castella, prometendo repartir com todos o que possuia alem do que tomassem.

Lgo se lhe offereceram tresentos homens de pé, e em Beja ainda juntou maior numero de peões, dezesseis homens d'armas, vinte bésteiros e quarenta de cavallo. Tinha feito vender a prata que possuia e repartir o valor d'ella com a sua gente, partindo depois para Serpa, quando Nun'Alvares voltava já de Valverde.

Passada revista á sua hoste, Antão Vasques com ella seguiu de noite para Arronches, cujos muros tentaram escalar de madrugada, emquanto os homens de cavallo percorriam os arredores saqueando.

Os moradores de Arronches accordando porém ao tropel, deitaram dos muros abaixo aos que já tinham subido, e Antão Vasques, a quem não convinha aqui pelea,

partiu para a Cortegana, pequeno castello onde os moradores soffreram tal arremetida que prometteram um tributo para se livrarem da devastação inevitavel; mas vendo-os entretidos a banquetear-se com os vinhos e iguarias encontrados, mandaram para Arronches, Aracena, e toda a comarca, aviso, afim de virem cahir sobre elles de noite.

Os d'Antão Vasques, prendendo um dos mensageiros, informados da traiçoeira resolução, lançaram fogo ao arrabalde e partiram levando muito gado e grande numero de prisioneiros. Encontrando depois alguns da comarca, que pelo aviso de Cortegana vinham reconhecer com que homens tinham de pelear, tomaram-n'os, e por sua informação souberam da muita gente que vinha contra elles, com o que Antão Vasques ficou satisfeitissimo, soltando d'alviçaras um dos prisioneiros para que fosse participar aos seus a alegria que aquella noticia causara, e no dia seguinte, levando todo o gado e prisioneiros que encontrou pelo caminho, passou o Chança e já a dentro da fronteira, em Portugal, esperou o inimigo.

Um atrevido escudeiro, João Esteves, que da hoste de Nun'Alvares, na volta de Valverde, se juntara em Serpa a Antão Vasques, tornando a passar o rio, foi seguindo occulto pela vegetação, até encontrar a gente de Castella, e conseguindo envolver-se com elles, acompanhou-os grande espaço de tempo ouvindo o que diziam, e pondo-se ao facto das suas intenções, até que chegando a um outeiro, d'onde se avistavam os homens d'Antão Vasques, em repouso, os viu dispostos a prepararem-se para dar batalha. Então picou o cavallo despediu-se com um insulto, e partiu a galope. Furiosos por se virem escarnecidos, os castelhanos apontaram-lhe as bestas, mas o cavalleiro, que voava, atravessou o rio, illeso, e veio bradar em altas vozes: «Antão Vasques, o que vós desejaveis ahi o tendes, que os castelhanos vos preparam batalha no caminho por onde haveis d'ir.» Ao que este respondeu: «Bemvindo sejaes com taes novas!»

Mandou afastar para logar seguro a sua magnifica presa, e fazendo hestear a bandeira marchou para a frente do inimigo. Era ainda escuro, mas uma setta ervada vindo ferir o cavallo de João Esteves, incitou-os logo á pelea, que se travou subindo os portuguezes o outeiro e atacando com lanças e settas.

Antão Vasques, chamando a si sete homens d'armas investiu com elles os pveizados, que formavam a frente do inimigo, e, derrubando-os a lançadas, tal panico infundiu, que todos debindaram em precipitada fuga, sendo mortos na perseguição duzentos e sessenta castelhanos e apriados mais de cento e quarenta, entre peões e bésteiros, havendo apenas feridos tres portuguezes e morto um.

Contentes voltaram a Serpa, trazendo cinco cavallos, varias bestas de carga, quatro mil vaccas, cinco mil ovelhas, mil porcos, e entre outros prisioneiros um rico lavrador d'Arronche que deu de resgate cinco mil reas de prata.

RIBEIRO ARTHUR.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Escola Nacional de Natação

Publicamos hoje o programma do ensino pratico; consta elle de duas partes: a 1.^a (A e B) é essencial á Escola de Nata-

ção; a 2.^a (C, D, E, F, G e H), como se vé é complemento, não essencial, da 1.^a.

Obrigando-nos a cumprir estritamente a 1.^a parte empenhar-nos-hemos, logo que as circumstancias o permittam, em levar á pratica a 2.^a.

Programma da natação pratica

A — Natação em secco (movimentos semelhantes aos que a rá faz quando nada): De pé: a — Movimentos dos braços no plano horizontal (do braço direito, esquerdo, dos dois braços); 2.^o — Movimentos dos braços no plano vertical; b — Exercícios respiratorios; c — Coordenação dos movimentos dos braços com os movimentos respiratorios (14 a 16 v/); d — Movimentos da perna direita (esquerda); e — Coordenação dos movimentos das extremidades direitas (esquerdas, oppostas, dos braços com a perna esquerda, com a direita); f — Coordenação d'estes movimentos com os respiratorios; Em apoio: a — ventral 1.^o — Movimentos dos braços (14 a 16 v/); 2.^o — Movimentos das pernas; 3.^o — Movimentos dos braços e das pernas (14 a 16 v/); b — lombar: Movimentos das pernas e auxiliares das mãos (semelhantes aos movimentos das barbatanas peitoraes dos peixes).

B — Natação na agua (movimentos semelhantes aos que a rá faz quando nada): a — Imersão brusca pelos pés (pela cabeça); b — Execução coordenada e perfeita dos movimentos de natação de ventre; c — Execução coordenada e perfeita dos movimentos de natação de costas; d — Passar do apoio ventral ao de costas; e — Fazer a prancha; f — Mergulhar (educação da vista sob as aguas); g — Nadar entre duas aguas; h — Mergulhos precedidos de salto.

C — Outros modos de nadar — se podem estudar seguindo o mesmo processo; em geral, nas Escolas de Natação, ensina-se a nadar á maneira da rá e deixa-se ao alumno a liberdade de ensaiar outro ou outros modos de nadar, comtudo, para se obter melhores resultados convem coordenar previamente, em secco, os movimentos, até os praticar instinctivamente antes de os usar na agua. Os modos mais em uso são: Nadar de lado, de braçada, como o cão, etc., etc.

D — Diversos exercicios na agua: Nadar com um braço de fóra d'agua, Nadar de pé, etc.

E — Exercicios de natação applicada: Nadar vestido. Transportar pequenos objectos sem os molhar. Conduzir uma pequena jangada. Levantar a um naufrago uma corda (toalha ou outro objecto a que elle se prenda ou com que o prenda e comboial-o para terra).

F — Exercicios recreativos, com o fim de se aproveitar os beneficios que offerece a exposição activa aos meios que as praias proporcionam e com o fim de se familiarizar com a locomoção na agua: Passeios, carreiras e outros exercicios na areia secca e molhada, patinhar e fazer velejar barquinhos em respresas, correr em pouca agua, jogar o balaço aquatico, lutar com jactos d'agua, dominar e montar o potro aquatico (madeiro), equilibrar-se na prancha, salvar o homem (de serradura), jogar o barrete de cauda, trazer á superficie da agua a cesta de calhao, fazer girar á força de remos o navio circular, etc., etc.

G — Modo individual de socorrer um naufrago: — Por projecção de cabos, de corpos fluctuantes; socorro directo sem instrumento algum (precauções a tomar), etc.

H — Socorros a prestar ao afogado retirado da agua — 1.^o Chamar o medico e enquanto este não chega, conduzir com a maior brevidade o afogado para o logar mais ameno, bem ventilado e secco que proximo se encontrar; 2.^o Tirar-lhe toda a roupa e cobri-lo da cinta para baixo com roupas enxutas; 3.^o Debruçal-o logo, desobstruir-lhe a bocca, as fossas nazaes e a garganta das mucosidades e liquidos; 4.^o Expôr ao vento a face, o pescoco e a parte superior do thorax. E, depois d'isto se o afogado respirar regularmente; devemos por meio de fricções pôr em circulação o sangue das extremidades; se não respirar é necessario, antes, provocar a respiração pelos processos que a sciencia moderna aconselha e são (como na parte theorica se exporá detalhadamente) 1.^o trações rythmadas da lingua 15 a 20 vezes por minuto, (dr. Laborde e dr. Le Coquil); 2.^o Logo que os movimentos respiratorios se manifestem é necessario regularisal-os e amplial-os pelas retracções e dilatações thoracicas com o mesmo rythmo (Silvestre); 3.^o Se a circulação se não restabel-

cer ou se restabelecer mal poderemos percorrer a região cardíaca, (dr. Maas, de Gettlingen).

1.^a Nota — Muitas praticas ha em uso; umas sem utilidade, outras nocivas, taes como: suspender pelos pés, etc., etc.

2.^a Nota — Em tudo nos cingiremos ás prescripções do medico assistente.

PEDRO JOSÉ FERREIRA.

Educação physica

Exercitar-se não é exceder se.

Muitas e de valor teem sido as auctoridades que, com os seus vastos conhecimentos, estão cooperando na santa cruzada, prégada por uma princeza e travada contra o maior flagello dos povos — a tuberculose. — Quiz a benemerita direcção do primeiro estabelecimento gymnastico do paiz, o Real Gymnasio Club Portuguez, que — desaccertada escolha! — com ella estudassem os beneficios prestados pela pratica racional e systematica da gymnastica. Este estudo é de oportunidade palpitante.

Esperamos em subseqente artigo demonstrar as consequencias da gymnastica applicada methodicamente durante um anno ás crianças do Asylo Officina de S. José, que, a pedido da direcção d'aquelle club, observámos.

Por agora, diremos que pelo exercicio systematico da genuina gymnastica se torna o corpo humano n'um pessimo «meio de cultura» para os micro-organismos; criam-se as condições mais desfavoraveis ao desenvolvimento da tuberculose.

E' banal a these; mas, por descurada, mostra-se-nos como um dever lembrar a uns e indicar a outros a sua capital importancia.

O movimento é a alma de toda a natureza; a sua necessidade impõe-se-nos. Assim como a agua corrente se conserva pura, ao passo que a estagnada se corrompe, assim o nosso corpo se conserva em saude pelo movimento, ao passo que a preguiça e a inacção são para elle origem de corrupção e de doença. Attinge fóros de axiomatico tal parecer.

Não procurar a simultaneidade do desenvolvimento physico e intellectual, constitue crime de lesa-humanidade; disse-o e defendeu-o algures o auctor d'este escripto.

Conhecimento vulgar, na verdade! Quem haverá d'entre os medicos, sociologos e lidos que o ignore? Quem d'entre os leigos, que pensam, o discute? Mas, por outro lado — infracção maior! — quem procura proteger tal dogma?

O movimento, a gymnastica, repetimos, impõem-se; senão observe-se a compleição debil e afeminada das crianças da cidade e compare-se com as do campo. Triste paralelo! D'um lado, mimos, inercia, sobrecarga intellectual; do outro — pratica racional — a vida de exercicio, a vida ao ar livre, a vida, emfim.

Para aquellos é que a gymnastica é verdadeiramente precisa. Mas não, ninguém quer olhar a isso; a pretensão alvar de ter precoces sabios mirrados a todos cega. Procure-se na criança o equilibrio do desenvolvimento physico e intellectual; de contrario, poder-se-ha ter sabios aos quinze annos, mas sabios miseraveis, pedantes, pusillanimes, incapazes de cumprir o primeiro dever de um homem, a defeza do seu paiz, e até a de si proprio na lucta pela existencia.

E' esta a causa do depauperamento das actuaes gerações. Façam-os bachareis, medicos, o que quizerem; ensinam-lhes tudo quanto ha, mas não lhe descurem o exercicio physico, porque é um crime.

Na idade em que o corpo ainda não está desenvolvido, a sujeição dos bancos da escola, é mais propria para fazer rachiticos do que homens, o silencio imposto pelo trabalho ou exigido pelo professor, a atmosphera viciada pela capacidade de exigua do meio, tudo isso é contrario ás naturaes necessidades da creança.

A maior parte d'esses sabiosinhos são magros, curvados, de aspecto triste e doentio. São verdadeiras plantas de estufa. De nada lhes serve a sacramental meia hora (!) de recreio, antes empregada em conversas e questunculadas do que em contribuir de qualquer fórma para o seu desenvolvimento physico. E' tudo quanto pôde haver de mais artificial.

Repare-se nos grupos de collegias internos que sahem ao passeio de mez a mez, mettidos em rigorosa fórma e sempre debaixo das vistas de um cerbero intransigente: os mais pequenos, os da frente, marcham metronomica, processionalmente, de olhos no chão; os outros, os «maiores», pallidos, magros, curvados e pedantes. Desgraçada preponderancia do desenvolvimento espirital sobre o corporal! Pois, como se poderá, sem vigor, armazenar fortes conhecimentos em cerebros depauperados, em seres anemicos? Seria querer levantar magestos edificio sobre algarces de lama. E' a desconnecidade flagrante

O completo desenvolvimento de todas as faculdades deve ser o nosso ideal. Sendo assim, porque não ir buscar ao exercicio as bases d'esse ideal?

Julgue-se a gymnastica pelos beneficios trazidos á educação e á pathologia. O seu fim não é fazer acrobatas: é fazer homens saos. Como prophylactica conserva a vida; como therapeutica, a muitos livra da morte.

Ramo importantissimo da hygiene, de feliz applicação no tratamento curativo de varios morbus, de effeito puramente moral, ajudando o desenvolvimento do espirito, favorecendo o do corpo, assim comprehendida, á gymnastica é, no dizer de Braun e Doex, «uma obra e um ministerio de santidade».

Os exercicios, por excellencia, são os *elementares*. Exercicios por excellencia lhes chamamos, e crêmos que com razão: quantos beneficios tiram as creanças, e até os adultos, da sua execução? Quaes os exercicios que melhor se podem regular na sua applicação e cnjas effeitos sejam mais completos? Quantas taras morbidas se modificam e se curam unica e exclusivamente por meio d'elles? Esta é a verdadeira gymnastica racional.

A importancia dos movimentos, convenientemente repartidos entre os órgãos e de facil applicação, é bem clara em these geral.

Pelos exercicios elementares está demonstrado (e é esta tambem a opinião de Pestalozzi) que se pôde proceder ao desenvolvimento completo, racional e methodico de todas as partes do corpo. Temos d'isso uma prova no celebre hercules Sandow.

Sem vir para aqui com as sensatas considerações feitas por Schreiber sobre os effeitos das flexões, adducções, etc., que põem em acção todas as forças, só diremos que o effeito tão geral e harmonico, obtido com o uso dos exercicios elementares methodizados, não poderia nunca ser produzido pelos apparatus da chamada alta gymnastica.

Fóra d'esses exercicios, todos os outros estão contra-indicados, quer debaixo do ponto de vista da hygiene, quer do da therapeutica. A acrobatia, a alta gymnastica, a athletica, etc., nunca deverão ser applicadas para qualquer d'esses fins. Servirão para desenvolver a força physica, mas produzem a desproporção, a desharmonia esthetica, e nunca devemos lançar mão d'elles para conservar ou restabelecer a saude, pois que muitas vezes (e poderia citar exemplos) exercem uma influencia nefasta sobre a economia animal.

Nós não duvidaremos de aconselhar o uso dos exercicios elementares áquelles que sempre e só abusavam dos outros.

Condemnamos completamente tudo o que não sejam exercicios elementares, e de fórma alguma poderemos dar razão a Gallard, que nas suas celebres conferencias na Sorbonne, falando da alta gymnastica e dos seus apparatus, dizia: «Admitto-os com a mesma repugnancia com que admitto a mamadeira para as crianças privadas do seio materno.»

O exercicio methodico e racional, adequado ás necessidades individuaes, e feito de modo a que cada um possa auferir só beneficios resultados, raro se executa. Ha sempre a natural tendencia não só a exceder as forças proprias, mas tambem a demonstrar-se que mais alguma coisa se é capaz de fazer do que aquillo que, as mais das vezes, convêm. Por um lado, a educação gymnastica nunca é subordinada a previa inspecção individual; nunca um medico é ouvido em taes assumptos; raro o perito dispensa os seus conselhos. Por outro, a absurda vontade de se sair da genuina gymnastica para se abraçar quer a acrobatia, quer a chamada alta gymnastica, faz com que não só se executem as forças sempre contra-indicadas, como tambem (e é cahir em novo excessos) se desenvolvam, em detrimento de umas outras partes.

Pois, se coisa ha que requeira regras, a cinesia o é incondicionalmente. Só o perito está no direito de indicar qual o exercicio adequado.

E sob este ponto de vista bem andam os corpos dirigentes do Real Gymnasio Club Portuguez, que julgaram um dever submitter a inspecção medica todos os alumnos que quizerem seguir as classes de gymnastica. Devia ser esta a norma a seguir em todos os estabelecimentos d'este generos existentes em Portugal.

E' aliás o que se faz em toda a parte, onde se olha para as questões de educação com a devida seriedade.

A parte os exercicios livres, todos os outros exercicios elementares não deverão ser executados senão quando o perito os aconselhe.

A gymnastica bem digida pôde não só collocar os individuos em más condições de receptibilidade para os micro-organismos, como até combater certos estados pathologicos no seu incitio, certas predisposições, como a tuberculo-

se, e cujas consequencias, sem ellas, poderiam ser fataes.

Convem notar, comtudo, que desde que o pulmão seja a séde de losões determinadas pelo micro-organismo de Kock, o exercicio cinesico está formalmente contra-indicado.

E, para remate, entendemos que — não estabelecer o ensino obrigatorio e methodico, da gymnastica em todas as escolas de crianças é contrariar os principios mais banaes da sã hygiene, da sociologia e da pediatria.

ARDISSON FERREIRA.

Do nosso collega *O Seculo*, transcrevemos este excellento artigo do distincto medico sr. dr. Ardisson Ferreira, pelo que pedimos venia.

A doutrina do artigo e a maneira porque a expõe o seu illustre auctor é a unica que hoje se pôde aceitar e necessaria é torna-a de todos bem conhecida.

R. G. C. P.

No dia 4 do corrente começou a funcionar a classe de gymnastica sueca pedagogica lecionada proficientemente pelo sr. dr. Jorge Santos, continuando com toda a regularidade tres vezes por semana. A classe é composta por um grupo de 10 alumnos entre os quaes vimos os nossos primeiros professores de gymnastica e distinctissimos amadores.

Se a iniciativa do illustre medico é altamente sympathica e louvavel a esses distinctos alumnos não lhe cahe menor quinhão de louvor.

O *Real Gymnasio Club*, que tão bem está interpretando a sua bella missão, tem tambem visto crescer as suas classes infantis, a ponto que, tendo já 118 matriculas, a frequencia na noute de segunda feira, onze, foi de 86 alumnos de ambos os sexos.

Parabens.

CAÇA

EM AFRICA

Caça a um tigre

(Continuado do n.º 222)

Como incidente, e antes de continuar-mos com a nossa narrativa, vamo-nos referir a um caso que nos aconteceu n'aquelle mesmo local, Ponta Negra.

Estavamos tres brancos, eu, um hespanhol meu intimo amigo José Maria de Galarza se chamava e um brasileiro, Moraes, um bom rapaz, este adoeceu, e de tanta gravidade que os dois considerámo-lo perdido. Desolados, e deveras afflictos por ver-mos o nosso pobre companheiro, em risco de ir d'esta para melhor vida, sem um medico, e não sabendo já que fazer-lhe, resolvemos applicar-lhe uns causticos e dito e feito, mãos á obra, e como o caso era grave foram só... cinco!

Mas a verdade é que o homem melhorou e salvou-se! com grande alegria nossa e principalmente d'elle, que nos proclamava depois... os melhores medicos do mundo...

O que nunca conseguimos foi fazer o diagnostico, é claro, nem sequer imaginar que doença elle tinha tido!...

Voltamos ao nosso visitante nocturno o famoso tigre, pois que, agora já não podia restar duvidas de que fosse a terrivel fera que devorara a porca e pozesse o valente *Maluco* em tão lastimavel estado.

N'essa mesma noute um dos pretos da Chilunga, disse-me que se eu quizesse elle armava uma armadilha para matar o tigre; é claro que accetei a proposta pois o meu maior empenho era vêr o bicho e livrar-nos de tão terrivel e perigoso visitante.

Ficou combinado que no dia seguinte eu daria uma espingarda das chamadas *americanas*, das que n'aquelle tempo serviam para o negocio de premuta com os pretos, armas antigas, de pederneira, mas com bons e resistentes canos e, mandaria matar um cabrito para isco. Com estes simples apetrechos, dizia o preto, conseguiríamos matar o terrivel *principe do matto*.

No dia seguinte, depois do almoço, fomos explorar o terreno e escolher o local mais apropriado para levar-mos a cabo o attentado que projectavamos contra a vida d'aquelle terrível imperante das selvas.

O fundo d'aquella immensa bacia era plano, em parte encharcado, coberto de densas e altas moitas de matto bravo e aspero, onde se viam, aqui e alem algumas grandes arvores; os caprichosos caminhos cheios de zig-zages, mas perfeitamente desembaraçados de obstaculos davam aquelle conjuncto, o aspecto de um grande e irregular jardim, com os seus massicos de agreste verdura e sem que a mão do homem tivesse traçado as suas caprichosas e tortuosas veredas.

O intelligente preto escolheu um local não longe da ribanceira, para que do cimo d'ella se avistasse o local em que ficava a armadilha, isto, disse-nos o preto, era á cautella para no caso de dar bom resultado se o poder facilmente verificar se a fera tinha ficado morta, porque se ficasse ferida era muito mais arriscado o resto da caçada, e por conseguinte extremamente perigosa; hom era ir prevenindo para o caso que tal acontecesse.

A armadilha começou buscando-se uma arvore á qual se encostou a couceira da espingarda, isto á altura de 50 centímetros, fizeram-se duas forquilhas, boas e resistentes, que foram solidamente cravadas no solo, uma a distancia do tronco da arvore por forma que, collocando se-lhe a espingarda deitada horizontalmente em cima com a couceira encostada á arvore, abraçasse a coronha pelo delgado d'esta, a outra forquilha foi collocada na mesma disposição ficando a 40 centímetros da boca da arma; então, depois d'esta bem carregada e assim collocada foi posto um grosso cordel que, amarrado ao gatilho convenientemente armado, dava a volta por detraz do tronco da arvore e sobre umas pequenas forquilhas vinha até em frente da boca da arma, tendo preso na extremidade, á altura do cano, um quarto do pobre cabrito sacrificado para servir de isco n'esta traicoeira machina.

Verificado que a armadilha dava garantias de bom funcionamento devendo fazer disparar a espingarda, retirámo-nos, ansiosos porque chegasse a noite, para ouvirmos a detonação que nos annunciasse que a fera não tinha desdenhado o petisco que com tanto interesse lhe tinhamos preparado.

O resto do dia passou-se quasi todo em ouvir contar, aos pretos da Chilunga, varias historias sensacionais de tigres, chimpanzês e mais bicharada que abunda n'aquellas paragens. Isto tudo, é claro, cheio das affirmações mais phantasticas e inverosimilares a que a imaginação do preto é tão propensa, e em que os feitiços tomam sempre uma grande parte, como os naturaes auctores e inspiradores de varios casos extraordinarios que muito nos divertiram.

E' certo que fiz ao preto *Zm*, a promessa de lhe dar uma peça de fazenda (quatro braças de riscado) e uma garrafa de *malafo*, (aguardente), o que fez com que elle tomasse um verdadeiro interesse no bom exito da caçada.

Jantámos e viemos depois tomar café para a rua, debaixo das esplendidas palmeiras que havia junto á casa e foi com verdadeira ansiedade que eu e os meus dois companheiros vimos chegar a noite.

Estavamos os tres brancos fazendo conjecturas do resultado da empreza, sentados, fumando, junto á casa; ao largo, a alguma distancia, os pretos todos em grupo, tambem ansiosos fallavam a sua lingua *bunda*

cheia de exclamações fazendo grande algazarra.

A noite estava calma, não havia a mais leve viração; de ruído, além da fallacia dos pretos, nada mais.

De repente, uma grande e prolongada detonação se ouviu, todos se ergueram, mas ninguem se atreveu a approximar-se do matto. «O seguro morreu de velho».

A detonação, que fui enorme, tal era a carga que a espingarda tinha, echoou no silencio da noite, prolongando-se os sons por muito tempo e reprimindo-se ao longe.

Depois tudo voltou ao mesmo silencio.

(Continúa.)

SAMUEL.

José Paulo de Mira

UM BRADO CONTRA AS MONTARIAS DE CERCO AOS LOBOS NA PROVINCIA DO ALEMTEJO

(Continuado do n.º 222)

Posteriormente nas ultimas montarias que derigi, (sempre a pedido da autoridade superior) além da gente avizada por ella officialmente pelos administradores de concelhos, regedores etc., escrevia eu particularmente a todos os amigos lavradores de todas as diversas freguezias a empenhal-os particularmente para coadjuvarem o bom desempenho d'aquelle serviço por si e pelos seus subordinados; ia de vespera para o local do centro a colocar as duas ordens de bandeiras e no dia designado logo pela manhã ia ao sitio aonde se mandava reunir os esperadores, e marchava então com elles, a collocal-os convenientemente em rôla das primeiras bandeiras, e não aonde cada um se queria ir pôr de espera, porque assim podia mais facilmente haver uma desgraça de se atirar em direcção a outro sem se saber de tal; além da guarda dos criados para irem avisar os diversos pontos para chegarem todos quasi ao mesmo tempo, ia eu pessoalmente correr e observar a maneira como vinha a maior parte do cordão, e o que observava então? Grande parte dos lavradores (a quem a montaria interessava directamente) encontrava-os em grupos, ou merendando e despejando as borrachas com grande gritaria de sucia, ou vinhão reunidos pelas estradas tratando e conversando nos seus negocios (menos no objecto da montaria) quando não vinhão experimentando qual das suas cavalgadas andava ou corria melhor, muito mais adelantados do que o cordão; e quando os admoestava para darem o exemplo,

viendo a impossibilidade de conseguir a boa ordem e subordinação nas montarias do cerco, desisti a ser influente d'ellas e a algumas outras a que assisti posteriormente como mero curioso vi sempre a desarmonia que em todas se dava, nunca chegando o cordão a tempo uns dos outros; sendo aliás d'elle d'onde depende o bom exito, vindo alguns pontos com mais de uma hora de adiantamento aos outros. fugindo os lobos pela abertura ou vacuo que havia de uns aos outros, cada um fazia o que queria, cada qual ia pôr-se de espera onde bem lhe parecia, e o resultado quasi sempre era não se matar lobo algum, ainda que fossem vistos alguns, mas só sim se matava muita caça, que era o principal ponto de se juntar muita gente com essas vistas.

Deixei afinal, de ir a ellas mesmo como particular pela impressão desagradavel, que me causava tanta desordem, e sem vêr jeito algum de tal se poder remediar; o não haver muitas desgraças a lamentar por todos atirarem sem ordem é isso devido ao acaso ou Providencia Divina; antigamente ninguem ia para as esperas senão os caçadores escolhidos para isso em todas as freguezias, e ião munidos de uma cedula destribuida pela authority para apresentar-se ao director da montaria, para este as collocar convenientemente no sitio destinado; presentemente vai para as esperas quem quer, pôr-se aonde lhe parece, e cada um faz o que lhe apraz, antigamente quando algum director dos diversos pontos ouvia atirar na sua frente sem ser no local das bandeiras brancas, ia ou mandava logo lá obrigar essa pessoa a incorporar-se no cordão; presentemente que cada um faz o que quer e principalmente depois de estarem vulgarizadas as espingardas de dois cannos, vão certos curiosos com um canno da espingarda atacado de bala, e o outro de chumbo adiantados ao cordão fazendo esperas parciais a que chamão esperas falsas, não atirão senão de frente ou mesmo recolhido de cara a algum lobo que vem recolhido ao centro da montaria, fazendo fugir este para traz ou para os lados, e indo rompêr o cordão para traz por ás vezes ainda vir este com intervallos de uns aos outros, como tão bem atirão á caça miuda que lhe apparece, fazendo do cordão seus cães que lhe espantão a caça para elles se irem divertindo.

Na montaria de cerco por mais bem calculada que seja das distancias dos diversos raios ao centro que os pontos tem a percorrer, e por mais bem dadas as ordens para todos cumprirem, com a falta dos elementos que antigamente havia de que então se dispunha, é agora presentemente impossivel executar-se o seu plano á risca, e por isso muito duvidoso senão inefficaz o resultado destas montarias não se pôdem fazer de inverno por cauza das ribeiras cheias (ainda que o dia não amanhecesse chuvoso) por ter infallivelmente o cordão de se partir em ir procurar sitio de as poder atravessar; tão bem se não podem fazer de verão por cauza do grande calor, e ter o cordão de se partir em procura de agua em algum poço para então a gente beber etc. Por isso geralmente para se evitar estes dois inconvenientes estava em uzo fazerem-se na primavera; assim mesmo n'esta occasião tem muitos inconvenientes. Varios lavradores que eu conhecia e que não erão apaixonados de caça, quando erão avizados para irem ou mandarem os criados a estas montarias como ainda era em tempo de andarem com a sementeira do tremez, não querião perder um dia bom de sementeira, e então não ião, nem mandavão os criados, e ás vezes para que os visinhos não dissessem que não mandavão ninguem, mandavão então o rapaz ou velho que guardava as bestas comparecer ao sitio da partida, com orden de no meio da batida ficarem para traz e voltar para o monte; quando depois sabião do resultado da montaria (que quasi sempre era nenhum) dizião que tinha sido por mal dirigida, mas nunca por mal executada, que era a principal cauza de cada um presentemente fazer o que quer.

(Continúa)



Syndulpho Carneiro

Primeiro classificado no concurso regional de tiro em Chaves Secretario do «Grupo Flavia, 9.ª filial da U. A. C. P.

ás vezes me responderão que tinhão ido para se divertirem: Ora isto era em cousa que directamente lhes interessava a elles na maior parte, por isso com que direito podião exigir do sapatteiro (por exemplo) que fosse pelo matto rasgar o seu fato, quando a elle os lobos não lhe ião a casa comer á alfofa, as sevêlas e o serol!... Felizmente com esta ainda que pequena ordem sempre se matou algum lobo e não houve desgraça de gente morta a lamentar; desde então

AUTO VELOCIPEDIA

U. V. P.

(União Velocipedica Portuguesa)

Publicações officiaes

Documentos sobre o campeonato de Portugal

N.º 1

Ill.ºm Ex.ºm Sr. secretario da U. C. Internacional:

Para os devidos effectos tenho a honra de participar a v. ex.ª que tendo-se realisado, no dia 29 de junho do corrente anno, na cidade do

Porto, no velodromo D. Amélia, uma corrida denominada «Campeonato de Portugal» que foi organizada sob o regulamento da U. V. Hespanhola pelo R. V. C. P., a direcção da U. V. P. resolveu não reconhecer tal titulo e desqualificar pelo espaço de um mez, a partir de 3 do corrente, os corredores que disputaram a citada corrida, o velodromo onde ella se realiso e os seus organisadores.

Nestas condições, a U. V. P. pede ao *comité* da U. C. I. que não approve o referido campeonato, respeitando assim o direito e a justiça que á U. V. P. assiste de dirigir o sport cyclista em Portugal.

Lisboa, secretaria da U. V. P., 6 de julho de 1901.

O Secretario
Carlos Callisto

Nota. — Nos mesmos termos foi officiado á U. V. Hespanhola.

N.º 2

BARCELONA, 17 DE JULHO DE 1901.

Sr. secretario da União Velocipedica Portuguesa: — A U. V. Hespanhola em cujo nome me dirijo a v., sente vivamente não poder ser-lhe agradável no pedido feito no seu officio datado de 6 do corrente.

O *comité* central deplora o conflicto que se levantou, mas não póde, no cumprimento rigoroso do seu dever, deixar de approvar a corrida «Campeonato de Portugal» e repellar a desqualificação lançada por essa União.

Para isso funda-se:

1.º — O Real Velo Club do Porto, organisador da dita corrida, collocou-a sob a protecção da U. V. H. filiada na União Internacional e legalmente constituída.

2.º — A U. V. P. poderá desqualificar os que faltarem aos seus regulamentos, mas nunca aos que os não adoptem e que, pelo contrario, se soccorram dos de qualquer outra União e reconhecidos pela Internacional.

3.º — Finalmente, segundo consta do documento que possuímos, á data da corrida, ainda não estava legalmente constituída a U. V. P.

Este *comité* vê emfim com animo contristado que a U. V. P., em virtude dos seus actos e escriptos, não considera a Hespanhola como sua irmã.

Nesta data envio todos os antecedentes (actas e documentos) etc. á U. C. I. para que, como é de justiça attenda a petição de direito que esta sociedade formula.

Sou de v., sr. secretario

Isidoro de Salazar
Secretario da U. V. H.

N.º 3

BARCELONA, 17 DE JULHO DE 1901.

Sr. presidente da União Velocipedica Portuguesa: — O *comité* Central da U. V. H., em sessão de onze do corrente, resolveu approvar o «Campeonato de Portugal», corrido em 29 de junho proximo passado, no velodromo da Rainha Amélia, organizado pelo Real Velo Club do Porto, devidamente autorisado por este *comité* Central — que envia os documentos opportunos á União Cyclista Internacional para que, por sua vez o reconheça como é de direito e de justiça.

Como consequencia do exposto, a U. V. H. não reconhece nenhum valor á desqualificação lançada pela U. V. P., contra os corredores, etc. que correram sob o regulamento d'uma sociedade filiada na U. Internacional e legalmente constituída.

Eis o que tenho a honra de participar a v. ex.ª para os fins convenientes.

Pelo *comité* Central

Isidoro de Salazar
Secretario

N.º 4

ALESSANDRIA, ITALIA, 21 DE AGOSTO DE 1901.

Sr. presidente da União Velocipedica Portuguesa, Lisboa: — Senhor: — Tenho a honra de accusar a recepção do seu estimado officio de 6 de julho. A reclamação que v. ex.ª apresentou é muito justa: cada federação tem o seu campo d'acção limitado ao proprio paiz.

Por consequencia, a União Cyclista Internacional recusa terminantemente a sua approvação ao campeonato que foi corrido na cidade do Porto, sob os regulamentos da União Velocipedica Hespanhola.

Esse campeonato não póde, por motivo nenhum, ser chamado Campeonato de Portugal, pois que a federação que rege o sport cyclista n'esse paiz, isto é a vossa, se desinteressou da corrida.

Fica v. ex.ª autorisado a comunicar esta decisão á imprensa portugueza e aos interessados.

Receba, sr. presidente, os meus cumprimentos.

O secretario da U. C. I.

Mario Bruzzone

N.º 5

ALESSANDRIA, 31 DE OUTUBRO DE 1901.

Sr. presidente da U. V. P. — O *comité* director da U. C. I. depois de ter examinado os documentos referentes á corrida que se effectou na cidade do Porto (Portugal), no dia 29 de junho de 1901, sob a protecção da U. V. Hespanhola, tomou, por unanimidade, a seguinte deliberação: *Tendo-se a União Velocipedica Portuguesa filiado na União Cyclista Internacional, muito an-*



Joaquim Martinho

Distincto cyclista amator de Lisboa, membro da comissão de propaganda da U. V. P.

tes da data em que se realiso a corrida, só a ella assiste o direito de reger o sport cyclista em Portugal.

Por consequencia a U. C. I. não pode reconhecer a corrida organizada pelo Real Velo Club do Porto, na sua pista, em territorio portuguez e, sobretudo, não póde admitir que se lhe chame «Campeonato de Portugal», titulo que só a U. V. P. póde conferir.

Queira tomar nota d'esta decisão da qual, segundo os estatutos da U. C. I., se pode recorrer perante o congresso, proximo (sabbado de Paschoa, 1902, em Paris).

Receba, sr. presidente, os meus protestos de elevada consideração.

O secretario da U. C. I.

Mario Bruzzone

A decisão supra foi tomada por unanimidade pelos srs.: Emilio de Boukcler, presidente da U. C. I.; Paul Rousseau, vice-presidente; Mario Bruzzone, secretario.

Bruzzone

ECHOS DA QUINZENA

AINDA O CAMPEONATO DE PORTUGAL

Parecia que depois do officio do secretario da União Cyclista Internacional, que publicámos no *Tiro Civil* de 1 de setembro, a questão levantada por causa do campeonato de Portugal, organizado pelo R. V. C. P. sob o regulamento da U. V. Hespanhola, estava morta. Sim, o officio da União Internacional era tão claro, tão preciso, que não deveria deixar duvidas

nem provocar desejos de protelar o pleito. Não o entendeu, porém, assim a União Hespanhola que, não se dando por vencida nem por vencida, quiz que a questão fosse resolvida pelo *comité* director da União Internacional.

Não lhe bastou o officio do secretariado, quiz que o *comité* director se pronunciasse.

O desastre para a recalitrante União nossa visinha, não podia ser maior.

Os tres directores da União Internacional reprovaram por unanimidade a intervenção da Federação hespanhola nas coisas do cyclismo portuguez e approvaram por completo o procedimento da U. V. P. Isto é, o accordão da direcção da U. C. I. foi inteiramente concorde com a resolução do secretariado.

No officio da Federação universal de 21 d'agosto, como no de 31 de outubro, está o elogio mais completo e mais valioso, do procedimento correcto e asinado da direcção da U. V. P., n'esta melindrosa questão. Felicitamo-nos por isso.

Mas, já que os acontecimentos nos forçaram a voltar ao assumpto, e visto a direcção da U. V. P. resolver tornar publicos os principais officios que a tal respeito se trocaram e que vão incertos sob a rubrica — *Publicações officiaes*, convem fazer um pouco de historia para elucidar os factos e provar a fórma leal e correcta como a União Portuguesa sempre procedeu:

Dias depois das corridas que o R. V. C. P. effectou em 29 de junho, a direcção do U. V. reunia-se em sessão ordinaria e, tomando conhecimento official de que haviam sido infringido os art.ºs 3.º do Regulamento de corridas e 6.º e 7.º do Regulamento Interno, desqualificava por espaço de um mez os individuos e collectividades delinquentes, não reconhecendo, por consequencia o campeonato de Portugal que fizera parte das mesmas corridas.

Como, porém, o R. V. C. P. adoptára o regulamento da U. V. H., a direcção da U. V. P. dirigiu-se, nos termos mais simples e correctos (documento n.º I incerto na secção *Publicações officiaes*) á U. C. I., bem como á sua congénere do paiz visinho, e aguardou serenamente, confiada na Justiça e no Direito que lhe assistia, a approvação do seu proceder.

A fórma como a U. H. correspondeu ao apello e á correcção da U. P., póde vêr-se claramente nos officios que enviou ao secretario e ao presidente da nossa federação. (Documentos n.ºs 2 e 3). A U. H. não se contentou com a resposta ao officio do secretario da U. P. fez mais, enviou tambem um officio ao sr. Conde de Caria.

Os nossos leitores podem apreciar os e verão como divergem, em absoluto, na fórma e na essencia, do officio do secretario da U. C. I. (Documento n.º 4).

O officio da grande federação universal é mesmo o... commentario justo do proceder da visinha União que entendia que, por não a deixarmos dar leis em nossa casa, a não consideravamos irmã.

E' bom não confundir o amor e a fraternidade que devem unir as collectividades federadas, com a abdicção de direitos imprescindiveis e inconfundiveis que assiste a cada uma, e que, n'este caso, estão bem expressos nos estatutos da U. C. I.

Mas, continuemos. Após o officio da U. I. datado de 21 d'agosto, a U. H. despeitada, certamente, pela letra d'esse documento importantissimo, appellou para o *comité* director da mesma Federação universal que, depois de ouvir a direcção da U. P. sobre o questionario apresentado pela sua congénere hespanhola, approvou, pela fór-

ma mais cabal e completa, o procedimento da U. V. P. (Documento n.º 5).

E' certo que a U. V. H., tem ainda o direito de appellar para o proximo congresso da U. I., que deve realizar-se em Paris, na Pasqua de 1902.

Quererá ella ainda levar a questão até lá? E que a leve; estamos convencidos de que o resultado será o mesmo.

A opinião emitida por Emilio Bauklear, por Raul Rousseau e Mario Bruzzone, será com certeza a do congresso, como é já agora a da imprensa sportiva da França, da Italia e da propria Hespanha.

Porque a verdade é que esta questão mesquinha tomou corpo e importancia tal que d'ella se occuparam os primeiros jornaes de sport do estrangeiro.

E crêmos bem que a U. H. não deve estar mais satisfeita com o que elles tem dito do que com o accordão da U. I.

Ora veja-se o que diz, por exemplo, o *Auto Vélo*, de Paris, pela pena de Géo-Lefèvre e sob a escriptura epigraphica de — *O conflicto hispano-portuguez*.

«E' uma historia das mais alegres este conflicto da Hespanha e de Portugal e ha de constituir uma das paginas mais divertidas da historia da politica sportiva.

Eis a questão. E' muito simples e, contudo houve meio de a complicar: A 29 de junho, o R. V. C. P. (Portugal) fez disputar uma corrida de 10 kilometros, que intitulo Campeonato de Portugal (velocidade). Pessoa, o excellent corredor portuguez ganhou essa prova. O R. V. P., que não estava em muito boas relações com a U. V. P., federação filiada na U. C. I., não achou nada melhor do que pedir para o campeonato, a protecção da U. V. Hespanhola, que muito honrada, a concedeu e mesmo homologou os resultados!

Isto é tão phantastico como se houvesse a phantasia de, no Velodromo do Parque dos Principes, fazer disputar o Campeonato de França, sob os regulamentos da Liga Velocipedica Belga.

Como era de justiça, a U. V. P. protestou contra o procedimento da U. H. e declarou nulo e como não realiado o pseudo-campeonato e desqualificou os corredores que, apesar dos seus avisos, o tinham disputado.

Então é que a questão de phantastica passa a ser lamentavel. A União Hespanhola parte em guerra e entende que a regularidade da prova é indiscutivel, que o titulo de campeão foi realmente ganho por Pessoa, que a U. P. não tem nada que ver com o campeonato de Portugal, etc., etc.

E ha tres mezes que se trocam officios entre o secretariado da U. C. I. e as duas Federações beligerantes.

A Hespanha, sim a Hespanha, pretende levar a questão até ao extremo e fazer proclamar pela U. C. I. que Pessoa é de facto o campeão de Portugal.

A verdade pôde as vezes não parecer verdade.

Por seu turno o *Vélo* de Paris e *L'Italia Sportiva* de Milão, apreciando o caso, afinam pelo mesmo diapasão do illustre secretariado da redacção do *Auto-Vélo*.

E como não podemos fazer a transcripção de todos, ouçamos o que diz a *Palma Cyclista* que, por ser hespanhol tem particular auctoridade e significação:

«Trava-se ha algum tempo uma curiosa e interessante questão entre a U. V. H. e a U. V. P., ambas filiadas na U. I.

O caso data de ha quatro mezes e hoje está pendente de resolução definitiva do comitê director da U. C. I. composto do sr. Emilio Bauklear, presidente, Paul Rousseau, vice-presidente e Mario Bruzzone, secretario.»

Seguidamente a *Palma Cyclista* conta a origem do conflicto e suas consequencias, nos termos em que o *Auto-Vélo* e *L'Italia Sportiva* o contaram e conclue:

«A questão está ainda pendente e aguarda-se uma resolução definitiva. Veremos que decisão toma o supremo tribunal sportivo. Será approvada a politica invasora dos hespanhoes, ou, pelo contrario, triumphará o espirito de independencia portugueza.»

Como se vê á data da publicação dos jornaes a que nos estamos reportando ainda não era conhecido o accordão do supremo tribunal sportivo. Agora, porém, que os nossos leitores já o conhecem podemos responder á *Palma Cyclista* que, de facto, «triumphou o espirito de independencia portugueza» ou melhor, triumphou a Justiça e o Direito.

O record do kilometro:

E' velho costume portuguez desdenhar, ligar pouca importancia ao que é nosso para exaltar tudo quanto é estrangeiro.

Assim quando ha pouco o nosso amigo e distincto corredor sr. Baptista da Silva estabeleceu, no velodromo do Jardim Zoologico, o record do kilometro poucas pessoas reconheceram e exaltaram essa verdadeira performance.

Porque é realmente um successo, uma victoria, conseguir em uma pista irregular, de terra, sem relevés, sem condições nenhumaes sportivas percorrer um kilometro em 1 minuto 35 segundos e 1 quinto.

Pois saibam aquelles que houveram em menos conta a performance do estimado corredor que elle esteve muito perto do record do mundo, do kilometro, sem treinadores, de que é possuidor, desde 28 de julho de 1899, o corredor francez, amador, Ruffier, em 1 minuto 15 segundos e 1 quinto.

O record do kilometro, profissional, pertence actualmente a Lorgeux e está em 1 m. 13 s. 2/5.

O director do Velodromo do Parque dos Principes, de Paris, vendo como tem sido difficil bater o famoso record que ha annos está na posse de Ruffier, propoz um premio de 200 francos ao corredor que alcançasse tal victoria; pois apezar d'isso e das tentativas que corredores de fama, como Contenet, Gentel, Bourte, Vanoni tem feito, ainda nada conseguiram.

Apenas Gougoltz e depois Lorgeux conseguiram bater o tempo dos profissioaes em um quinto de segundo cada um.

Quando ao record dos amadores, que é o que directamente nos interessa, continua intacto como deixamos dito.

Fechou o anno cyclistna na Europa e não houve maneira de o bater.

O tempo continua, pois, sendo 1 m. 15 s. e 1/5.

O russo Nicolaiewitch o ultimo amador que desesperadamente deligenciau batel-o, gastou 1 m. 15 s. 4/5.

Vamos, Baptista da Silva, aos treinos; quem gastou 1 m. 35 s. 1/5 em uma pista irregular e de terra, é capaz de atacar o record do mundo n'uma boa pista de cimento.

Jacquelin:

O grande corredor francez foi este anno infelicissimo. Ao passo que em 1900 conseguiu triumphar em toda a linha, contando as victorias quasi pelo numero das corridas em que entrou, este anno, a não ser o triumpho no primeiro match com Major Taylor, e agora do grand prix da Europa, no mais Jacquelin foi de uma grande infelicidade, e não falta quem assevere que o seu vigor, a sua agilidadade, a sua energia começa a declinar. Elle mesmo acha-se cansado, gasta por uns poucos d'annos de lucta.

Desde 1896, anno em que começaram os seus triumphos ganhando pela primeira vez o campeonato de França, que Jacquelin está na brecha (ou antes em pista) opposto a todas as celebridades universaes.

E' bom, diz o grande corredor, que vão olhando para alguém que me substitua. Pouco mais poderei dar.

Em todo o caso Jacquelin ainda quando quer e a sorte o ajuda, sabe ganhar uma corrida brilhantemente. Foi assim que elle ganhou em Lyon, o grand prix da Europa perante Conelli, o vencedor do grand prix da U. V. F., Eros o notavel corredor italiano.

Mas quem será o successor de Jacquelin? Jue, o novo campeão de França? E' para este, pelo menos, que se voltam os olhares dos francezes. Veremos o que elle faz no proximo anno.

Provas de 50 kilometros:

E' possivel que ainda este anno tenhamos novas provas de 50 kilometros em estrada.

O nosso amigo e intelligente delegado da U. V. P. na Figueira da Foz, o sr. Alvaro Ferreira Lima, tomou sobre si este empreendimento e, para o levar a cabo, está trabalhando com o zelo e bom criterio que o caracterisam.

A estrada escolhida será a de Leiria á Figueira, uma das melhores d'aquella região e muito propria para corridas.

Oxalá que o tempo não mude e que os esforços e generosa iniciativa do nosso illustre amigo

e zeloso delegado da União Velocipedica possam ser coroados do exito que merecem.

Corridas em estrada:

Foram coroados do melhor exito, o que alias era de esperar, as corridas organisadas com superior criterio e especial cuidado, pelo nosso amigo sr. Candido Rodrigues da Silva, um dos homens a quem a velocipedica nacional deve assignalados serviços, embora o seu nome não seja d'aquelles que andam ahi constantemente nas auras do reclame.

Como se sabe as corridas effectuaram-se sob o regulamento e auctorisação da U. V. P. e o itinerario foi Campo Grande, proximo á quinta das Calvanas, Lumiar, Loures, Tojal, Bucellas, Valle de S. Gião, Cabeço de Montachique, Louza, Pinheiro de Loures, Loures, Lumiar e Campo Grande, ponto de partida.

O jury foi assim organizado: presidente Carlos Callixto, nomeado pela U. V. P., Guilherme Gomes e Alberto Carlos Calleya, 1.º e 2.º commissarios: juiz de partida, José Beirão; juiz de chegada, Gomes Leite; chronometristas, Florindo Cesar de Jesus e Campos Sá.

O dia esteve esplendido e a animação foi extraordinaria. Ha muito que não viamos tão grande concorrencia de cyclistnas no Campo Grande.

Eram 10 horas menos tres minutos quando partiu o primeiro turno de corredores, formado pelos srs. Francisco Cypriano de Sousa, n.º 1; Alfredo Futscher Pereira, n.º 2; J. Baptista da Silva, n.º 3; e Ernesto Zenoglio, n.º 4.

A's 10 horas precisas, partiu o segundo turno composto dos srs. Francisco Gomes Vieira, n.º 5; Eduardo Ferreira, n.º 6; José Sergio Monteiro, n.º 7; e Armando Crespo, n.º 8.

Enquanto os corredores desaparecem ao longe, entre nuvens de pó, no Campo Grande, fala-se animadamente, discutem-se as probabilidades de victoria, o tempo que gastarão os corredores. E n'esta tagarelice continua a que uns se entregam enquanto outros pedalam através as ruas do parque ou vão aquecer o estomago, decorrem as 2 horas e meia, praso maximo concedido para o percurso.

Emfim um pouco antes do meio dia avistam-se ao longe, a *lente alure*, os fiscaes volantes, veem anunciar que se aproxima o primeiro corredor.

Os membros do jury, os chronometristas e o jury de chegada tomam os seus logares. Ha uma difficuldade enorme em desimpedir a estrada, tal é a multidão que ali se agglomera para saudar o vencedor.

A's 11 horas, 56 minutos e 15 segundos chegava á meta o corredor n.º 8 sr. Armando Crespo.

Era do segundo grupo, e, tendo partido ás 10 horas em ponto, gastara, portanto, 1 hora, 56 minutos e 15 segundos, cabendo-lhe o primeiro premio, um estojo com um tinteiro esmaltado.

Foi um delirio á chegada do vencedor da corrida; as palmas e os bravos rompiam de todos os lados e os amigos corriam a abraçá-lo.

A's 12 horas, 4 minutos e 20 segundos chegava o corredor n.º 6, sr. Eduardo Ferreira, que, sendo do 2.º grupo, partira tambem ás 10 horas, gastando portanto, 2 horas, 4 minutos e 20 segundos.

Coube-lhe o segundo premio, um estojo com cigarreira, boquiha e phosphoreira.

A's 12 horas, 10 minutos e 7 segundos chegou o corredor n.º 7, sr. José Sergio Monteiro, que gastou no percurso 2 horas, 10 minutos e 7 segundos, cabendo-lhe o terceiro premio; uma phosphoreira de prata.

A's 12 horas, 7 minutos e 10 segundos chegava o corredor n.º 2 sr. Alfredo Futscher Pereira. Sendo do 1.º grupo, partira ás 9 e 57 minutos; gastou, portanto, 3 horas, 10 minutos e 10 segundos e pertenceu-lhe o 4.º premio, uma carteira com um canto de prata.

Chegou em quinto logar o corredor n.º 1, sr. Francisco Cypriano de Sousa. Tendo partido tambem ás 9 horas e 57 minutos, chegou ás 12 horas, 20 minutos e 39 segundos, gastando 2 horas, 23 minutos e 39 segundos.

Pertenceu-lhe, portanto, um diploma em prata cunhada, pois fez o percurso em menos de duas horas e meia.

Faltavam ainda corredores e já tinha decorrido o tempo marcado. Eram os srs. Ernesto Zenoglio, J. Baptista da Silva e Gomes Vieira.

Pouco depois, sabia-se que tinham sido forçados a desistir: o primeiro por se lhe ter partido um pedal, proximo de Bucellas, o segundo e o terceiro por se lhes terem furado os pneumaticos.

Estava finda a corrida. O publico abandonava a estrada e os corredores, membros do jury e fiscaes, iam reunir-se em agradável almoço, no restaurant do Campo Grande. Essa festa foi igualmente cheia de entusiasmo, d'alegria e de bella confraternisação.

Trocaram-se muitos brindes, sendo os princi-

paes a Candido Rodrigues da Silva, o infatigável e prestigioso organisador da corrida, aos corredores, a José Beirão, á U. V. F., á imprensa etc. etc.

Sport Club:

Tudo leva a crer que o festival que o S. C. de Lisboa organisa para festejar o seu anniversario, ha de ser digno das tradições d'esta associação sportiva.

Haverá jogos athleticos, grandes corridas de obstaculos e saltos, mastro de cognac etc.

O festival terminará com grandes corridas de bicyclette e tandens, que já estão despertando o maior interesse, treinando-se activamente os corredores.

O festival é dedicado á sr.^a D. Maria Pia e effectuar-se-ha no proximo domingo ou no seguinte.

U. V. F.

Reuniu-se na passada quinzena, em Paris, o congresso da U. V. de França. Foi aprovado por unanimidade o relatório e contas da gerencia finda e eleita a nova direcção que ficou assim composta:

Presidente, Alfredo Riguelle; vice-presidentes, Breton e Arnaud; thesoureiro, Paulo Rousseau; secretario, Paulino Merli.

A sede da U. V. F. vae pssar da rue des Bons Enfants, para os boulevard dos Italianos, n.º 6. A mudança far-se-ha brevemente.

A grande federação ficará d'ora ávante, admiravelmente installada: com magnificas salas de recepção, exposição, conferencia e leitura. Emfim uma sede social á altura da U. V. F. que tem umas quinhentas sociedades filiadas e mais de 10.000 socios individuais.

A inauguração das novas installações realisar-se-ha com toda a solemnidade.

NOTAS SOLTAS

Ao passo que o record do kilometro não sofre alterações desde 1899, o da hora está sendo vivamente atacado. Assim no mez passado Robl conseguiu elevar esse famoso record á 65 km 512, na pista de Leipzig; pouco depois Dickentman, no velodromo de Berlim, batia-o em 109 metros e no dia 3 no Parque dos Principes, o mesmo Robl conseguia elevá-lo a 65 km 742 m.

Quasi 66 kilometros á hora! Onde irá isto parar?

O Touring Club Italiano conta hoje mais de 26.000 socios, entre os quaes estão, os duques d'Aosta e de Genova, o conde de Turim, os principes de Buoncompagni, Colonna Avella, di Sonnino, Stazzi etc. etc.

Fazem parte do T. C. I. 36 deputados, 28 camaras de commercio, 23 deputações de provincia e 12 municipalidades e umas 30 sociedades filiadas, tanto cyclistas como athleticas.

O numero de socios do T. C. I. que em 1894 era de 700, elevou se em 1895, a 2.127; em 1896, a 5.514; em 1897, a 11.597; em 1898, a 14.940; em 1899, a 16.737; em 1900, a 20.737; em 1901, a 26.500.

Mac Farland que veio á Europa com o fim especial d'organisar as equipas para a grande corrida annual de seis dias, em Madison Square, conseguiu contractar: Gougoltz Sinar; Fischer-Chevallier; Muller-Lepoutre; Kerf-Roek.

Este team de corredores europeus partiram já com destino a New-York.

Damos em seguida a importancia dos premios ganhos durante a época sportiva que acaba de findar por alguns dos principais corredores:

Kramer, 21.392 50 francos; Fenn, 12.395 50 fr.; Mac Farland, 32.295 50 fr.; Downing, 5.380 50 fr.; Wilson, 4.272 50 fr.; Fisher, 5.972 50 fr.; Lawson, 8.352 50 fr.; Cooper, 6.352 50 fr.; Major Taylor, 17.675 50 fr.; Freemann, 4.490 50 fr.; Kimble, 3.297 50 fr.; Collett, 4.165 50 fr.; Bowler, 5.150 50 fr.; Leandor, 1.950 50 fr.; Jacobson, 1.840 50 fr.; Gascoyne, 3.650 50 fr.; Newhouse, 1.745 fr.; Otto Mayer, 2.955 50 fr.; Haussmann, 1.450 50 fr.; Hadfield, 2.180 50 fr.; Alexander, 1.675 50 fr.; Bedell, 900 50 fr.; Floyd Krebs, 1.135 50 fr.; Green, 575 50 fr.; Bardgett, 1.095 50 fr.; Newkirk, 1.050 50 fr.; Stevens, 675 50 fr.

Jacquelin que ha um anno tinha justo um match com Mac Farland, acaba de ser batido pelo famoso sprinter americano.

CARLOS CALLIXTO.

VELOCIPEDIA MILITAR

(Continuação do n.º 220)

Emprego da velocipedia nos exercitos estrangeiros

Desde 1790, anno em que appareceram os primeiros velocipedes, então toscos apparatus que a principio se moviam apenas com uma perna, executando o cyclista o que os francezes

chamavam *pas de geant*, teem sido extraordinarios os progressos realisados até hoje na velocipedia.

A utilidade da machina, cada vez mais aperfeiçoada, a sua aprendizagem facil, custo relativamente pequeno e facil conservação, explicam o desenvolvimento espantoso da velocipedia, difundida por todas as classes da sociedade, que lhes aproveitam os seus relevantes serviços.

O exercito, que para a sua espinhosa e complexa missão lança mão de todas as invenções e aperfeiçoamentos das sciencias e industrias, não podia ficar indifferente a este novo genero de locomoção, que parecia dever prestar-lhe um efficaz concurso. Não foi, porém, sem grandes difficuldades que se realisou a adopção da velocipedia nos exercitos. Como todas as invenções, luctou durante muito tempo com a ignorancia, a indifferença e a rotina, que põem entraves ás mais timidas experiencias, exagerando os defeitos, produzindo criticas levanias e levantando, enfim, difficuldades sem numero, que a perseverança e a dedicação de homens convencidos a custo vencem.

Foi o que succedeu com a velocipedia militar, que felizmente tambem teve dedicados partidarios, como o tenente-coronel Massaglia, na Italia; coronel Sprott, na Inglaterra; o general conde de Waldersee, na Alemanha; o coronel Denis e capitão Girard, em França, etc.

As experiencias realisaram-se successivamente em quasi todos os paizes da Europa. A primazia coube, porém, como já dissemos á Italia, que primeiro se adeantou a aproveitar o uso da velocipedia no seu exercito, realisando as experiencias iniciaes em 1875 no campo de Somma.

Devido aos bons resultados obtidos n'estas experiencias, não obstante a imperfeição dos modelos então empregados, foram distribuidas tres machinas a cada regimento de infantaria, ficando assim definitivamente adoptada a velocipedia no exercito italiano.

Mais tarde, em 1885, o numero de machinas distribuidas a cada regimento subiu a cinco e foi regulamentada a instrução dos velocipedistas.

Annos depois era adoptada uma machina mais leve e que podia desmontar-se para ser conduzida ás costas.

Os velocipedistas eram armados de carabina, que transportavam ligada ao garlo da machina. Nas manobras do exercito italiano teem tomado parte estes cyclistas, por vezes reunidos em grupo para execução de missões importantes.

Na Inglaterra foi preconizado o uso da velocipedia no exercito pelo coronel Sprott, em 1881; mas foi só em 1884 que se experimentou o emprego dos cyclistas como estafetas.

Em 1887, depois de grandes esforços de varios officiaes, entre elles o tenente-coronel Savile, que fez uma importante conferencia sobre o assumpto (publicada depois no *Vélace-Sport*), foram acciteos no exercito inglez os serviços dos cyclistas como *estafetas*, serviços estes que nas experiencias anteriores se tinham revelado importantes.

Organisou-se então n'esse mesmo anno em cada batalhão de voluntarios uma secção de velocipedistas commandada por um official.

Estas secções foram empregadas no anno seguinte, por occasião das manobras, na transmissão d'ordens em marcha e nos postos avançados, nos reconhecimentos, em exercicios de combate contra guardas avançadas, ataques de comboios, etc., realisando com exito todos estes serviços.

Tambem em 1889 foram introduzidos pelo Almirantado inglez nas companhias de desembarque.

As experiencias, successivamente realisadas nas manobras de 1889 a 1892, vieram de uma maneira categorica demonstrar que os cyclistas não deviam utilisar-se apenas como *estafetas*, mas que podiam prestar bons serviços como *esclarecedores e combatentes*.

Assim, mais tarde, foram creadas companhias de cyclistas combatentes, destinados á servir em tempo de guerra.

Algumas d'estas companhias entraram já na guerra do Transvaal, e em março do corrente anno foi ordenada a creação de mais 8 d'estas companhias para servirem em Africa.

O effectivo de cada uma era de 5 officiaes, 5 sargentos, 2 clarins e 120 praças e o pessoal escolhido entre os voluntarios.

Em França publicou-se em 1878 uma brochura do coronel Denis, preconizando a adopção da velocipedia no exercito francez; era porém cedo e esse estudo passou desapercibido.

Em 1884 foram, todavia, realisadas, por iniciativa particular, umas experiencias em Grenoble, e o seu resultado enviado em relatório ao

Ministerio da Guerra; foi esta tentativa o verdadeiro inicio da questão em França.

Só, porém, dois annos depois, e por iniciativa da *União Velocipedica Franceza*, se realisaram nas manobras do 18.º corpo experiencias de velocipedia em que tomaram parte oito socios da *União*.

Não obstante o accidentado do theatro das manobras, as experiencias foram coroadas do mais bello exito. Devido a este brilhante resultado o Ministerio da Guerra mandou executar experiencias officiaes na escola de Joinville-Pont, que vieram confirmar o resultado das precedentes e determinar a adopção do cyclismo como meio de correspondencia no exercito.

Foi o que estabeleceu a circular de 19 de julho de 1887, firmada pelo general Haillat, que ao mesmo tempo mandava continuar as experiencias nas manobras do outomno dos diferentes corpos de exercito.

Uma outra circular de 1889 creava já 4 cyclistas em cada regimento de infantaria.

Tres annos depois era organisa uma commissão presidida pelo general Boisdeffre, que em vista do resultado das experiencias realisadas, estabeleceu o regulamento provisório de 1892.

(Continúa).

ALBERTO GUERREIRO PEIXOTO E CUNHA,
Alferees d'infanteria.

ESGRIMA

ESCOLAS

No caracteristico afincio da razão humana em methodisar todos os phenomenos, e subordinar-os a regras fixas; na preoccupação de generalisar estas, arrastando o espirito a sonhar até n'uma só que reja o Universo, não podia a esgrima ficar estranha a esse escopo. Mas, apesar de nua de idéas abstractas; apesar de n'ella os sentidos, uma vez educados, abrangem as impressões sem esforço; e apesar do seu objectivo ser claro, simples e unico, escapa a esgrima á acção d'aquelle trabalho, á primeira vista tão facil.

E' porque os factos em que se deve basear a sciencia das armas fogem, pela diversidade dos seus agentes e pela variedade dos seus actos, á sujeição sob absolutas leis. Já o disse eu, fallando do atirador. Dia a dia abre a experiencia o campo a novos golpes, de execução diferente sempre, á busca de uma perfeição inatingivel; e á mercê da diversissima e nunca igual condição humana: as regras, á imagem do mar, como as vagas — parecidas mas dessemelhantes sempre — vão-se perdendo ondulantes n'esse oceano sem fim das infinitas e nunca parecidas relações de espada para espada, e de bote para bote.

O que hoje escreve o bico da penna nos compendios, apaga-o amanhã a ponta da espada no campo.

A propria esthetica não pôde apreciar as linhas d'esse jogo, cujos movimentos, sem conto e novos, a vista nua jámais attinge. Foi preciso que a objectiva mais vidente dos instantaneos apparatus photographicos os revelassem, como descobriram a verdade nos cavallos do friso do Parthenon.

Na apreciação pois — tão deficiente, e de momento — de actos em que, se não podem avaliar os quinhões que para o seu bom exito caibam aos dotes naturaes ou á sciencia — sem fallar da parte que, na partilha ainda, pertença ao acaso esse tão importante factor na fortuna das armas — é impossivel fixar, perduráveis pelo menos, regras seguras que abranjam, em linhas geraes e simples, o vastissimo campo de todas as hypotheses a que possa dar logar o contacto das armas.

Tanto é assim, que nenhuma escola o poudo fazer ainda: nos simples prolego-

menos dos seus methodos surgiram logo diversas theorias. E a experiencia ensinava, que, de todos os methodos de ensino até hoje observados, os melhores eram os fallados, tendo por base a tradição modificada pelas circumstancias de occasião; eram os que, sem theorias absolutas, as amoldavam á observação dos factos occorrentes, e em simples lições didacticas — com a espada na mão — as ensinavam.

Este systema até permite reconsiderar em erros, que o amor proprio mais facilmente confessará.

D'esse teor foram as celebres lições tão simples de Jean Louis; hem superiores ás complicadas, embora bem coordenadas, que outros deixaram escritas.

Que as lições nem são escola. Estão lhe subordinadas mas não a constituem por si só. A escola — na accepção de que se trata — está nos fundamentos, nos principios das suas regras; está sobretudo no seu espirito, que se acanha quando o quem sujeitar a qualquer apertado methodo ou systema. Vem esse espirito das armas d'esse outro principio geral, eterno, que preside ás luctas infinitas do Universo, e que habilita o homem a combater e a defender ao mesmo tempo a propria vida.

E' espirito de destruição, pois; mas de conservação também, querendo até, que as violencias tenham arrependimentos, e que os rancores e odios tenham generosidades e dedicações a contraporem-se-lhes.

E' de guerra, mas consequentemente de paz. Se ás luctas não succedessem treguas, seriam de exterminio os combates para a humanidade quando, pelo contrario, o sangue a vivifica e exalta nos sentimentos nobres e elevados.

Conforme o feito diverso das raças que povoam a terra, tem de ser diferente ainda o modo porque esse espirito influe no maneo das armas.

Não peçam aos meridionaes que substituam a sua ardencia á frieza dos homens do norte; nem que a serenidade e a força de uns se troque pela viveza e agilidade dos outros.

Nem a estatura pôde exigir que seja em todos equal o modo de terçar as armas.

A educação, e a evolução dos povos, a sua tradição, e todas as demais circumstancias que actuaram na sua civilização, são outros tantos elementos que formam ainda entre elles dissemelhantes as maneiras de as usar.

O italiano tendo por avós — na historia, pelo menos senão já no sangue — os gladiadores da antiga Roma a que se succederam os duros barbaros; vendo depois, na renascença — que dos seus primores não privava as armas — usarem-se estas em sangrentas vinganças a que a tração e a perfidia raramente eram estranhas; o italiano deveria no seu jogo alliar o arrojo bellico ao bello, e empregar, nas preferentes luctas individuaes, os golpes arditos de surpresa.

O francez — descendente da irrequieta raça gaulesa, d'esses cavalleiros da idade média, que em torneios e duelos, punham a honra e a nobresa por timbre em tudo; de apurado gosto, e requintada elegancia (que a democracia não apagou n'elle de todo ainda) — não podia deixar de florear as armas em jogo leal, elevado, e franco.

Assim succedeu; e a cultura superior dos dous, n'esse prurido de synthese, excitado pela necessidade do recurso aos duelos que os seus paizes impunham com applauso publico, systematisava em estudas regras os preceitos por que, n'esses seus jogos, se devia manear a arma de

ponta; considerada arma por excellencia da esgrima e a mestra de qualquer outra.

E sobrelevavam as duas escolas ás demais, já porque algumas como a hespanhola, que fizera epoca, se perdiam em apparatusos mencies e arriscados passes que se tornavam inoffensivos; já porque outras, tratando de preferencia de armas de guerra, e de jogos a pé quedo, em que predominava, ao lado da força, a convenção que em excesso a acanha, só poderiam viver em segundo plano, e sem formarem, por si, escola propriamente dita.

Não havia, porém, entre aquellas duas, a intransigencia que caracteriza a separação de doutrinas. E, ou porque os proprios sectarios teriam de pagar com a vida os seus erros de opinião, ou porque estes se evidenciavam nos frequentes assaltos, contemporisavam ambas entre si. Por satisfação ao amor proprio, apenas, pro forma e em questões secundarias, se mantinham separadas.

Reconhecia a escola franceza que a defesa das linhas baixas se impunha tão necessaria como a das altas, e que o predomínio da espada n'estas nem sempre lhe assegurava a vantagem que lhe deveria dar o maior alcance. Considerou por outro lado, que, se no ataque simples e franco, alem da belleza reside o mais seguro exito, nem por isso eram descabidas as argucias. A's fintas e aos golpes de tempo, do seu uso já, vieram, pois, juntar-se outras enganadoras malicias. E, se na sua sobriedade de movimentos, estava um dos predicados que mais obedecia á arte, e na distancia a principal das seguranças, não repudiou essa escola as estrepitosas sapatadas, nem os menos ordenados ataques de corpo a corpo, nos quaes se distinguia a escola opposta.

A escola italiana, por seu turno, substitua a guarda — que nem guarda era — baixa e fugidia ao contacto da lamina, por outra, inflexivel e ameaçadora sempre; e moderava o uso dos golpes *cavados*, e os de surpresa.

O «a-fundo» em que primava a escola franceza — profundo deveras pelo alcance do golpe levado do extremo — até esse golpe cedia o passo ao frequente tripudiar da sua rival, que para a comprazer diminuia apenas o prejudicial excesso dos repetidos saltos; e os botes que a velha escola só queria contados quando o peito os recebesse, somente valiam, quando a ponta attingisse o corpo em qualquer parte.

Distincto, pouco mais ficava do que o diferente modo de empunhar a espada, e a diversa postura do braço na guarda; estendido e rigido do italiano em vez de flexivel e retraido como o do francez.

N'essa fraternisação das duas escolas, ganhava mais segurança a vida por ser menos mortal o ataque e mais prevista a defesa.

Soffria a arte na singeleza e na correcção perdidas; e a sciencia, na verdade pura abalada; mas a esgrima ganhava em opportunismo, e no maior recreio dos variados botes que augmentavam o seu caudal de regras; fazendo perdoar, além d'isso, a menor intensidade de penetração, que, a bem da vida humana, passaram a ter as estocadas, a falta n'estas da lealdade e da franqueza dos antigos profundos golpes.

Lucrava emfim a esgrima e a raça humana, mais com a fusão das duas escolas, cuja auctoridade se impõe e deve respeitar, do que lucraria, se duvidosamente cada atirador, por si e á sua custa, preten-

desse procurar a verdade entre as duas extremas theorias, e se cada mestre d'armas quizesse inculcar a sua.

Lisboa, 9 de outubro de 1901. E. M. B.

MOSAICO

AS NOSSAS GRAVURAS

A direcção do R. C. V. P.

O *Tiro Civil* publica hoje a gravura da direcção do Real Club Velocipedista de Portugal.

Depois do que aqui temos dito acerca dos melhoramentos que os dedicados *sportsmen* que estão á frente da benemerita associação, tem n'ella introduzido; o zelo, intelligencia e dedicação com que elles tem administrado e levantado o bom nome do R. C. V. esta homenagem tornava-se justa e necessaria.

Ao nosso bom amigo sr. Carlos Seabra, proprietario da gravura que inserimos agradecemos a gentileza de no-la ter cedido, para assim completarmos o nosso preito de admiração e louvor á benemerita direcção.

Syndulpho Carneiro

Damos hoje o retrato do eximio atirador de Chaves, que no concurso regional de tiro, tão brilhante figura alli fez.

Syndulpho Carneiro, é, além d'um bom atirador, um excellente trabalhador; a elle se deve em grande parte a organização do *Grupo Flavia*. O seu caracter de *élite* dá-lhe jus á estima de quantos o conhecem.

O *Tiro Civil* enobrece as suas paginas prestando esta justa homenagem, que tão grata lhe é.

Joaquim Martinho

E' um dos cyclistas da velha guarda e um dos homens a quem a velocipedia nacional deve relevantes serviços, pois que Joaquim Martinho é não sómente um cyclista apaixonado, como tem por este bello ramo do sport um decidido amor e uma verdadeira dedicação.

E é assim que elle, na commissão de propaganda da U. V. P. tem sido um auxiliar dos mais valiosos e intelligentes.

Homem de são criterio, com um bello senso pratico, de uma seriedade perfeita, a sua opinião é ouvida com interesse e o seu conselho sempre bom.

Mas, Joaquim Martinho sobre ser um bello caracter e uma d'estas creaturas a quem a gente se affeição mal que lhe fala; physionomia aberta, olhar expressivo, sorriso claro, deixa transparecer perfeitamente no rosto todas as suas bellas qualidades moraes e intellectuaes.

E ahí o motivo de o termos como amigo desde o primeiro dia em que o conhecemos, n'um bello alinho de cyclistas, e porque nos sentimos muito satisfeitos em lhe prestar esta homenagem.

LUIZ TRIGUEIROS

Tivemos o prazer e a honra da visita á nossa redacção d'este illustre homem de letras, *sportsman* distinctissimo e delegado da U. V. P. em Vianna do Castello, cuja amizade é para nós um titulo de honra.

O sr. Trigueiros esteve em Lisboa por motivo de doença de sua ex.^{ma} e dedicada esposa, doença que tanto allige o seu elevado espirito.

Nós fazemos os mais ardentos votos pelas melhoras de tão illustre enferma e agradecemos ao nosso bom amigo a sua attenciosa visita.

HERMANN F. MOSÉR

No dia 9 do corrente falleceu este illustre *sportsman* nautico na bella idade de 94 annos.

Hermann Mosér tinha uma verdadeira paixão pelo mar, a cujo sport se dedicava de muito novo, preferindo a vela ao remo. Era o decano dos timoneiros.

Era contra-comodoro da *Real Associação Naval* e do *Real Club Naval de Lisboa* que tinham por elle o maximo respeito.

A sua familia e a estas duas associações a redacção de *O Tiro Civil* envia as suas condolencias.

CONSULTORIO DENTARIO **Saturio Augusto Paiva, Cirurgião dentista** • • • • •
• • • • • pela escola de Paris. = Doenças de bocca e dentes,
RUA DE SANTA JUSTA, 60, 2.º